

**FINALIDADE DAS ESTRATÉGIAS DE SUPERVISÃO UTILIZADAS EM
ENSINO CLÍNICO DE ENFERMAGEM**
PURPOSE OF SUPERVISION STRATEGIES USED IN NURSING CLINICAL PRACTICE
**EL PROPÓSITO DE LAS ESTRATEGIAS DE SUPERVISIÓN USADAS EN LA PRÁCTICA CLÍNICA
DEL OFICIO DE ENFERMERÍA**

João Filipe Fernandes Lindo Simões¹, António Fernando da Silva Garrido²

¹ Licenciado em Enfermagem. Mestre em Supervisão. Doutorando em Tecnologias da Saúde. Docente e Vogal Efectivo do Centro de Estágios da Escola Superior de Saúde da Universidade de Aveiro. Aveiro, Portugal.

² Licenciado em Enfermagem. Mestre em Supervisão. Doutorando em Ciências da Saúde. Docente e Coordenador do Centro de Estágios da Escola Superior de Saúde da Universidade de Aveiro. Aveiro, Portugal.

PALAVRAS-CHAVE: Enfermagem. Ensino. Estratégias. Narração.

RESUMO: O presente artigo resulta de trabalhos de grupo realizados por enfermeiros durante uma formação sobre o processo de supervisão, leccionada pelos autores enquanto membros do Centro de Estágios da Escola Superior de Saúde da Universidade de Aveiro – Portugal. Tem como objectivos aprofundar conhecimentos acerca desta temática, identificar a finalidade das estratégias que são utilizadas e a quais dão mais ênfase. A recolha de dados foi realizada através da narração de episódios significativos, por 20 enfermeiros cooperantes na supervisão, no período de janeiro a fevereiro de 2005. Desenvolveu-se um estudo exploratório-qualitativo tendo-se procedido à análise de conteúdo das referidas narrações. Com o presente estudo verificámos que os enfermeiros, utilizam as estratégias de supervisão com a finalidade de prestar atenção, clarificar, encorajar, servir de espelho, dar opinião, ajudar a encontrar soluções para os problemas, negociar, orientar, estabelecer critérios e condicionar. Da análise dos resultados concluímos que os supervisores deste estudo se aproximam de um perfil não-directivo.

KEYWORDS: Nursing. Teaching. Strategies. Narration.

ABSTRACT: The present paper results from group works carried by nurses during their formal education in the process of supervision, taught by the authors as members of the Center of Clinical Practice of the Higher Education in Health at the University of Aveiro, Portugal. Its objectives are to deepen knowledge concerning this theme, to identify the purpose of the strategies that are used, and to which to give more emphasis. The data collection was carried out through the narration of significant episodes by 20 cooperative supervising nurses in the period of January to February of 2005. An exploratory study of a qualitative nature was developed. The study verified that the nurses, while supervisors in clinical practice, use supervising strategies with the purpose of paying attention, clarifying, encouraging, serving as a mirror, giving opinions, helping to find solutions for problems, negotiating, guiding, establishing criteria, and to condition. Through the analysis of the results, we conclude that the supervisors' strategies approach a non-directive profile.

PALABRAS CLAVE: Enfermería. Enseñanza. Estrategias. Narración.

RESUMEN: El presente artículo resulta de trabajos de grupo realizados por enfermeros durante una formación sobre el proceso de supervisión, el cual fue enseñado por los autores como miembros del Centro de Práctica Clínica de la Escuela Superior de Salud de la Universidad de Aveiro - Portugal. Su objetivo es profundizar el conocimiento referente a esta temática, para identificar el propósito de las estrategias que se utilizan y saber a cuáles dan más énfasis. La recolección de los datos fue realizada por 20 enfermeros cooperativos en la supervisión, a través de la narración de episodios significativos, en el periodo de enero a febrero de 2005. Se desarrolló un estudio exploratorio de naturaleza cualitativa, analizado el contenido de las referidas narraciones. Con el presente estudio pudimos concluir que los enfermeros utilizan las estrategias de supervisión con el propósito de dar atención, aclarar, animar, servir de espejo, dar la opinión, ayudar a encontrar las soluciones para los problemas, a negociar, a orientar, a establecer criterios y a condicionar. Del análisis de los resultados concluimos que los supervisores de este estudio se acercan a un perfil no directivo.

João Filipe Fernandes Lindo Simões
Endereço: Escola Superior de Saúde da Universidade de Aveiro
Campus Universitário de Santiago, Edifício III
3810-193 - Aveiro, Portugal.
Email: jflindo@ua.pt

Artigo original: Pesquisa
Recebido em: 02 de fevereiro de 2007
Aprovação final: 17 de outubro de 2007

INTRODUÇÃO

A formação dos profissionais de enfermagem deve assumir-se cada vez mais como uma parceria entre as instituições de ensino e as instituições de saúde, no sentido de formar profissionais detentores de competências alicerçadas em conhecimentos sólidos, capazes de inovar, de trabalhar em equipa, com sentido crítico e reflexivo, de forma a gerir a incerteza e a complexidade dos cuidados de enfermagem.

Esta formação pressupõe que uma parte significativa da formação seja feita em situação real, necessitando por isso da colaboração dos profissionais da prática, no âmbito da supervisão dos estudantes. Neste contexto formativo o supervisor deve propiciar ao estudante, o desenvolvimento de capacidades, atitudes e conhecimentos que contribuam para o desenvolvimento de competências nas dimensões cognitivas, comunicacionais, atitudinais e técnicas.¹

Durante o desenvolvimento de competências em ensino clínico, os estudantes constroem a sua identidade profissional que tem início na formação. Esta construção é um processo complexo e inacabado que se vai construindo por diferentes fases através de um processo de introjecção do ou dos modelos de referência. Na construção da identidade assumem particular importância as relações interpessoais e a forma como o poder é vivido nelas. É nas relações com os outros, isto é, em alteridade, que os estudantes, ao agirem enquanto profissionais, evidenciam a sua especificidade, o seu poder, a sua identidade. Nesta relação, o “outro” nunca é um parceiro vivido como “neutro” ou indiferente. A forma como é vivida a relação interpessoal, como é aceite e respeitado o poder/saber de cada um, tem potencialmente possibilidade de influenciar na construção da identidade.

Hoje, não podemos conceber a supervisão dos estudantes apenas numa estreita relação de ajuda, se ela não incluir em si mesma a noção de contínuo, reflexão e retroalimentação numa perspectiva de desenvolvimento pessoal e profissional do estudante. Será, portanto, essencial que os supervisores de estágio dominem conhecimentos na área da supervisão.

Conscientes da crucial importância do processo de supervisão em ensinos clínicos de enfermagem, do papel que os supervisores têm na construção da identidade profissional e também pessoal dos estudantes

e das estratégias de supervisão por eles utilizadas, decidimos estudar qual a finalidade das estratégias de supervisão que são utilizadas pelos enfermeiros quando acompanham estudantes em ensino clínico. Assim, no presente estudo, pretendemos apresentar o percurso de análise de narrações de episódios significativos, tentando identificar qual a finalidade das estratégias de supervisão mais utilizadas pelos enfermeiros. Após um breve enquadramento teórico sobre a supervisão em ensino clínico de enfermagem, apresentar-se-á o enquadramento metodológico, os resultados e a sua discussão. Uma breve conclusão fecha o artigo.

FUNDAMENTAÇÃO

A revisão bibliográfica efectuada, a nossa experiência profissional e as nossas concepções acerca da formação em enfermagem em contextos reais de trabalho, permitem-nos constatar a crucial importância destes momentos no processo de formação em enfermagem e, conseqüentemente, a importância dos supervisores na aprendizagem dos estudantes. Constatámos igualmente, que na bibliografia consultada, surgem diversas definições de supervisão e de orientação clínica que se tocam em muitos aspectos. Em nossa opinião, os conceitos de supervisão apresentados pelos diversos autores não se excluem, mas são complementares, mantendo a tónica na relação de ajuda, tal como o conceito de orientação. Neste estudo, relativamente ao conceito de supervisão, julgamos importante destacar a referência ao desenvolvimento profissional mas também humano – componente fundamental para a supervisão.² Contudo, é também importante a inclusão da reflexão e experimentação no conceito de supervisão.³

O conceito de Supervisão Clínica em Enfermagem, utilizado no âmbito da formação graduada, formação pós-graduada e no decurso da experiência profissional dos enfermeiros, refere-se a uma relação profissional centrada na exigência, na formação, no trabalho e no desenvolvimento emocional, que envolve uma reflexão sobre o desenvolvimento das práticas orientadas por um profissional qualificado. Compreende um conjunto de estratégias (centradas no profissional e no grupo), incluindo *perceptorship*^{*}, *mentorship*[†], supervisão da qualidade das práticas, promoção e acompanhamento dos critérios de qualidade.

* *Perceptorship* – “Profissional que ensina, dá apoio emocional, inspira e se constitui como modelo para o formando, durante um período limitado de tempo, com o objectivo de facilitar o processo de socialização e aproximação da pessoa ao seu novo papel”.^{4:56}

† *Mentorship* – “No contexto da formação clínica o mentor é o profissional experiente, mais velho, que se responsabiliza pela aprendizagem do formando”.^{4:55} É uma “relação de proximidade entre duas pessoas, sendo uma delas um profissional experiente e a outra o formando”.^{4:55}

As diversas definições de Supervisão Clínica em Enfermagem, apesar de se reportarem a universos conceptuais distintos, tiveram o benefício de contribuir, paulatinamente, para o estabelecimento de uma base conceptual.⁵ Nesta acepção de Supervisão Clínica em Enfermagem, o processo inclui as capacidades assistenciais, o desenvolvimento de competências clínicas, o suporte e uma reflexão sistemática sobre os saberes.⁵ Estas dimensões têm alimentado o debate em torno da formação dos estudantes em ensino clínico, designadamente dos sistemas de *perceptorship* e *mentorship*.

Para o Departamento de Saúde do Reino Unido, trata-se de um processo formal de suporte e aprendizagem que proporciona aos estudantes ou aos profissionais um desenvolvimento integrado de competências, a assunção de responsabilidade pela sua própria prática e a promoção da qualidade e segurança dos cuidados, especialmente em situações de reconhecida complexidade.⁵

Analisando os estudos realizados no âmbito da Supervisão Clínica em Enfermagem apercebemo-nos da multidimensionalidade do processo. Esta surge relacionada com: o investimento na qualidade das práticas; segurança pessoal e da equipa, através de uma atenção aos processos relacionais e de afirmação pessoal; identificação com o conteúdo do trabalho e a satisfação profissional; quadros cognitivos, espírito crítico, análise das práticas e decisões informadas; níveis de ansiedade e disponibilidade psicológica para estabelecer relações de ajuda.⁵

Supervisionar implica ter conhecimento dos elementos intervenientes no processo, compreender o estudante nos seus diferentes estádios de desenvolvimento, nas tarefas que tem de realizar e no clima afectivo onde o acto se desenrola.² Pressupõe portanto, uma relação próxima estudante/supervisor de modo a dar segurança e responder ao pedido de ajuda do estudante num clima de confiança propício à aprendizagem.⁶ Para que este processo mediador, de ajuda e acompanhamento capaz de promover e potenciar os fenómenos de organização e reflexão da prática seja eficaz torna-se necessário que os “nossos” supervisores utilizem diversas estratégias de supervisão para que o processo de supervisão não se fundamente no improvisado.

É fundamental que o supervisor clínico tenha experiência profissional. Como poderá ajudar os estudantes a conhecer as realidades de Enfermagem e a desenvolver o processo de cuidar, se ele próprio nunca tiver exercido a profissão, na sua prática?

Os supervisores devem “ser peritos na prática de enfermagem [...] capazes de analisar e avaliar as actividades em contextos de trabalho, experientes em orientação clínica e capazes de dar aos estudantes a ajuda necessária para adquirirem a competência profissional”.^{7:64}

A formação em Enfermagem e a supervisão em ensino clínico, mais concretamente, só fazem sentido tendo por base uma relação de parceria, onde a “horizontalidade de relações se institua como forma de estar, de modo a permitir a cada um a participação no âmbito das suas competências e não baseando-se na anulação das competências dos diversos actores destruindo, pela assimetria de relações, a possibilidade de uma cooperação”.^{8:30} Só no respeito pelos diferentes saberes, pela abertura à diversidade de concepções, se permite a todos participar sem constrangimentos nos debates, partilhar as suas experiências e colaborar na supervisão dos estudantes.

METODOLOGIA

Tipo de estudo

A opção metodológica orientou-se para uma abordagem qualitativa de natureza exploratório-descritiva, compatível com a preocupação em compreender e analisar a finalidade das estratégias que são utilizadas pelos enfermeiros em ensino clínico de enfermagem e não em medir quantitativamente esta realidade.

Questão de investigação e objectivos

Das preocupações anteriormente expostas, emergiu uma questão fundamental: qual a finalidade das estratégias de supervisão que os enfermeiros utilizam enquanto supervisores em ensino clínico de enfermagem?

Na tentativa de obter resposta para esta questão formulámos os seguintes objectivos: aprofundar conhecimentos acerca das estratégias de supervisão em ensino clínico de enfermagem; identificar a finalidade das estratégias de supervisão que são utilizadas em ensino clínico; analisar qual(ais) a(s) finalidade(s) das estratégias de supervisão a que os enfermeiros dão mais ênfase.

Populações estudadas e definição da amostra

A população foi constituída por enfermeiros como cooperantes da supervisão em ensino clínico dos futuros profissionais de Enfermagem, de uma Instituição de Saúde de Portugal.

Tendo em atenção o tipo de estudo, optou-se por recorrer à amostragem probabilística, tendo os participantes sido aleatoriamente seleccionados. Assim, a amostra ficou constituída por 20 enfermeiros que realizassem ou já tivessem realizado supervisão de estudantes em ensino clínico de enfermagem.

Aspectos éticos

A aprovação do estudo foi solicitada junto da direcção da Escola Superior de Saúde da Universidade de Aveiro - Portugal, tendo sido aprovado por este órgão. No sentido de obter a confirmação da aceitação de participação no estudo, foi solicitada a assinatura do Termo de Consentimento após oferecidos todos os esclarecimentos sobre o estudo e dadas respostas às dúvidas manifestadas pelos participantes. Finalmente, os pesquisadores oficializaram o registo do trabalho junto da Escola Superior de Saúde da Universidade de Aveiro - Portugal, firmando um compromisso para a execução da pesquisa dentro dos padrões éticos e científicos recomendados.

Durante o estudo consideraram-se os direitos dos enfermeiros em relação à privacidade, anonimato das informações e de retirar-se do estudo sem prejuízos pessoais ou académicos se assim o desejassem, respeitando os princípios designados pela Convenção para a Protecção dos Direitos do Homem e da Dignidade do Ser Humano face às Aplicações da Biologia e da Medicina: Convenção sobre os Direitos do Homem e a Biomedicina.

O processo de recolha de dados: a narração de episódios significativos

Tendo em consideração o objecto de estudo, os objectivos delineados e o tipo de estudo a realizar, optámos por utilizar a técnica das narrativas (orientadas), que se considerou ser susceptível de captar a essência do significado que os participantes atribuem aos fenómenos.⁹⁻¹¹ Assim, os participantes, foram solicitados a narrar um episódio vivido, que considerassem significativo na supervisão dos futuros profissionais de enfermagem. Subjacente a este processo está a Técnica dos Incidentes Críticos (TIC) que foi utilizada como norteadora do processo de colheita de dados. A recolha de dados decorreu de Janeiro a Fevereiro de 2005.

No contexto deste estudo, entende-se por episódio significativo, um episódio que tenha sido marcante e no qual os actores intervenientes no processo super-

visivo tenham participado, no âmbito do ensino clínico destes futuros profissionais; por marcante entende-se um episódio que tenha tido repercussões positivas ou menos positivas no desenvolvimento pessoal e profissional dos intervenientes no processo formativo.⁹⁻¹¹

Para orientar a narração no sentido de permitir compreender as representações que os vários actores têm sobre a supervisão em ensino clínico a partir de situações concretas, vivenciadas e reflectidas, foi utilizado um guião de narração de episódios significativos.⁹⁻¹¹

Tratamento da informação: análise de conteúdo

Para o tratamento da informação recolhida, aplicámos a técnica de análise de conteúdo temática – predominantemente indutiva.¹² Inicialmente ordenámos e organizámos todo o material recolhido, atribuindo uma codificação a cada narração de episódio, a qual denominámos de número de ordem. Posteriormente procurou-se identificar as unidades de sentido o que permitiu a emergência de unidades de registo relevantes e significativas para o objectivo da pesquisa. A categorização das unidades de registo, passo seguinte, foi um processo complexo e demorado, que exigiu avanços e retrocessos constantes, na tentativa de agrupar as diversas unidades de registo sob uma denominação comum.

Após este processo de sistematização dos dados e contagem frequencial, realizámos a análise e interpretação de cada quadro resumo. A fase de análise e interpretação apoiou-se em todo o percurso realizado ao longo do tratamento da informação. No texto que se segue sintetizamos os resultados da análise de conteúdo realizada.

RESULTADOS

Da análise de conteúdo realizada, com o objectivo de categorizar as unidades de registo relativas à finalidade das estratégias de supervisão utilizadas pelos enfermeiros enquanto supervisores em ensino clínico, resultaram as categorias que poderemos observar na Tabela 1. Pela análise da referida tabela, podemos verificar que as categorias mais relevantes para os enfermeiros na narração dos seus episódios significativos foram clarificar (20,70%), prestar atenção (13,80%) e dar opinião (12,07%). A categoria com menor relevância para os enfermeiros foi estabelecer critérios (1,72%).

Tabela 1 - Distribuição das unidades de registro segundo a categoria. Aveiro, Portugal, 2005.

Categoria	n	%
Prestar atenção	8	13,80
Clarificar	12	20,70
Encorajar	5	8,62
Servir de espelho	4	6,90
Dar opinião	7	12,07
Ajudar a encontrar soluções para os problemas	6	10,34
Negociar	3	5,17
Orientar	6	10,34
Estabelecer critérios	1	1,72
Condicionar	6	10,34
Total	58	100,00

Passamos de seguida a definir cada categoria e a analisar as unidades de registro correspondentes a cada uma. De forma a facilitar a apresentação e análise dos resultados optámos por agrupar as diferentes categorias por estilos de supervisão. Assim, agrupámos a finalidade das estratégias de supervisão em estilo não directivo, colaborativo e directivo.⁹

Iniciamos a apresentação dos resultados derivados da análise de conteúdo pelo estilo não directivo. Este refere-se à manifestação por parte do supervisor em atender ao mundo do estudante, de o escutar, de esperar que seja ele a tomar a iniciativa, de encorajá-lo, ajudá-lo a clarificar as suas ideias e sentimentos, em resumo em orientá-lo sem o condicionar. Podemos observar no Quadro 1 as finalidades das estratégias relativas a este estilo de supervisão (prestar atenção, clarificar, encorajar e servir de espelho).

Quadro 1 - Finalidade das estratégias de supervisão do estilo não directivo. Aveiro, Portugal, 2005.

Categorias	Unidades de registro	N.º de ordem
Prestar atenção	<i>Pensar no formando como um ser singular e único, prestando atenção às suas necessidades [...]</i>	E ₁
	<i>Durante o acontecimento prestei atenção ao que o aluno me dizia, ouvindo-o [...]</i>	E ₂
	<i>O enfermeiro deve observar o aluno e prestar atenção ao que ele vai executando [...]</i>	E ₄
	<i>Durante a avaliação do doente pela aluna, eu prestei atenção à sua execução</i>	E ₅
	<i>Durante o episódio fui observando, prestando atenção às justificações do aluno</i>	E ₇
	<i>O enfermeiro que observa a prestação do aluno [...]</i>	E ₈
	<i>[...] enquanto o aluno fala devemos prestar atenção [...]</i>	E ₁₀
	<i>[...] deve ser marcada pela observação, atenção ao outro</i>	E ₁₈
Clarificar	<i>Quando olhei para a aluna para lhe explicar o que estava a ver [...]</i>	E ₁
	<i>Durante o episódio fiquei preocupada e questionei o aluno acerca de como tinha acontecido e qual o doente em causa</i>	E ₂
	<i>[...] auscultando as dificuldades e expectativas, para clarificar a situação</i>	E ₄
	<i>[...] antes de tomarmos alguma decisão devemos esclarecer a situação com o aluno [...]</i>	E ₇
	<i>[...] explicado a tarefa e os objectivos várias vezes durante o turno, clarificando o que pretendia</i>	E ₉
	<i>[...] após ter tomado conhecimento tentei apenas clarificar a realidade dos factos</i>	E ₁₀
	<i>[...] tive o cuidado de fazer uma reflexão para clarificar o que aconteceu</i>	E ₁₁
	<i>Com o objectivo de clarificar a situação, perguntei-lhe abertamente qual a razão de ter agido dessa forma</i>	E ₁₃
	<i>[...] quando eu lhe perguntei abertamente o motivo, para clarificar a situação</i>	E ₁₃
	<i>Após o episódio conversei com ele tentando desdramatizar a situação</i>	E ₁₆
<i>Depois de terminar a execução falei com o aluno para clarificar alguns pontos [...]</i>	E ₁₇	
<i>Esta situação foi constatada por mim e tive que clarificar a situação</i>	E ₁₉	
Encorajar	<i>Tentei passar a mensagem de que compreendia o que estava a sentir</i>	E ₂
	<i>[...] tentando cativá-la para a prática [...]</i>	E ₄
	<i>[...] tentar motivar o orientando sendo um companheiro de trabalho, para além de orientador</i>	E ₄
	<i>[...] também temos nós [orientadores de estágio] aliciar mais os alunos no sentido de procurar mais conhecimento</i>	E ₅
	<i>Nunca desvalorizando o trabalho do aluno e encorajando-o a continuar [...]</i>	E ₆

Servir de espelho	<i>[...] por vezes temos que repetir o que nos disse para que consiga debater as especificidades do problema e consiga fazer um raciocínio</i>	E ₁
	<i>[...] e após lhe serem expostas as razões do não aproveitamento [...]</i>	E ₄
	<i>[...] chamar a tenção do aluno individualmente, repetindo o que ele disse</i>	E ₁₅
	<i>[...] tive que a confrontar com a situação, repetindo o que ela disse ao doente</i>	E ₁₉

Realizando a análise do Quadro 1, iniciamos pela categoria **prestar atenção**. No presente estudo, entendemos por prestar atenção quando o supervisor atende ao que o estudante lhe diz e exprime a sua atenção através de manifestações verbais, geralmente acompanhadas de outras manifestações de atenção de tipo não-verbal. Deste modo, e relativamente a esta categoria, verificamos que os enfermeiros utilizaram estratégias de supervisão com a finalidade de prestar atenção à execução de procedimentos por parte dos estudantes, à comunicação verbal e não-verbal por parte destes e às suas necessidades enquanto formandos. De realçar que frequentemente os enfermeiros utilizam a observação com a finalidade de prestar atenção ao estudante ou à execução deste.

Passando à categoria seguinte, definimos **clarificar** como a finalidade que o supervisor tem quando interroga e faz afirmações que ajudam a clarificar e compreender o pensamento do estudante, como por exemplo: *– quando diz..., refere-se a...?, – é capaz de explicar melhor?, – mas... não estou a perceber, – espere aí, já me perdi*. A análise do Quadro 1 evidencia que os enfermeiros durante a narração dos episódios significativos, se referiram a estratégias de supervisão com a finalidade de clarificar alguma situação ao estudante ou para que este lhe clarifique alguns pormenores que não ficaram explícitos. Assim, com o objectivo de clarificar utilizaram o questionamento ou a auscultação dos esclarecimentos do estudante.

Definimos **encorajar** como a finalidade que o supervisor tem ao manifestar interesse em que o

estudante continue a falar ou a pensar em voz alta, como por exemplo: *– vá, vá, – continue, – continue, estou a gostar, – e depois?, – e daí?, – ótimo!*. Continuando a análise do Quadro 1 verificamos que os enfermeiros utilizaram estratégias de supervisão com a finalidade de encorajar os estudantes a continuarem o seu raciocínio clínico, a cativá-los para a prática, a serem companheiros de trabalho e a procurarem mais conhecimento. Também valorizam o trabalho do estudante encorajando-o a continuar.

Finalizando a análise do Quadro 1, verificamos que os enfermeiros supervisores utilizam estratégias de supervisão com a finalidade de **servir de espelho** quando parafraseiam ou resumem o que o estudante disse a fim de verificarem se entenderam bem, como por exemplo: *– parece-me que, na sua opinião, – se eu entendi bem, – portanto, a questão é a seguinte*. Relativamente à categoria servir de espelho, salientamos que os enfermeiros utilizam o confronto, a repetição e a exposição com a finalidade de servir de espelho ao estudante e assim conseguirem debater as especificidades do problema e fazer um raciocínio mais claro.

Analisado o estilo de supervisão não directivo passamos ao colaborativo. O estilo colaborativo refere-se à capacidade dos supervisores valorizarem a opinião dos estudantes, fazerem sínteses das sugestões e dos problemas apresentados e a partir daí ajudar o estudante a resolver esses problemas. Podemos observar no Quadro 2 as finalidades das estratégias relativas a este estilo de supervisão (dar opinião, ajudar a encontrar soluções para os problemas e negociar).

Quadro 2 - Finalidade das estratégias de supervisão do estilo colaborativo. Aveiro, Portugal, 2005.

Categorias	Unidades de registo	N.º de ordem
Dar opinião	<i>[...] ensinar o que sabia e aquilo que achava importante para a aluna, na minha opinião</i>	E ₃
	<i>Este problema foi vivido e debatido numa reunião de grupo, dando cada um a sua opinião</i>	E ₄
	<i>Transmiti a minha opinião à aluna, tendo em conta a explicação prévia efectuada</i>	E ₉
	<i>Foi-lhe explicado em modos assertivos que, na minha opinião, a sua função estava a ser altamente ultrapassada [...]</i>	E ₁₁
	<i>[...] uma aluna não aceitou uma sugestão minha</i>	E ₁₃
	<i>Conversei posteriormente com o estagiário, dando-lhe a minha opinião</i>	E ₁₆
	<i>[...] durante a qual a profissional criticou repetidamente, dando a sua opinião [...]</i>	E ₁₇

Ajudar a encontrar soluções para os problemas	<i>Como um dos objectivos do estágio clínico é preparar os alunos para o dia-a-dia, eu retirei sem avisar o que poderia encontrar por baixo, a ligadura que tapava a mão</i>	E ₁
	<i>Levou-me a tomar consciência que é necessário preparar os alunos psicologicamente para as situações com que se vão defrontar</i>	E ₁
	<i>[...] tentar perceber o seu estado de espírito e as suas dificuldades na integração numa equipa de trabalho, para a poder ajudar a encontrar uma solução</i>	E ₄
	<i>No final reflecti com o aluno em 1º lugar para o poder ajudar a solucionar aquele problema</i>	E ₆
	<i>É importante ir falando de várias situações que podem ocorrer e como actuar perante elas e não deixar para quando realmente acontecem</i>	E ₁₂
	<i>[...] ir falando destas situações que podem ocorrer e ir escutando e retirando dúvidas e explicar como devem actuar, caso ocorram, de modo a ir preparando o aluno</i>	E ₁₂
Negociar	<i>[...] a aluna foi convidada a subir ao internamento para avaliar um doente</i>	E ₅
	<i>[...] fazer uma maior abordagem aos seus conhecimentos e a sua disponibilidade para determinadas situações</i>	E ₆
	<i>[...] discussão de objectivos com os alunos, para chegarmos a um consenso</i>	E ₉

Entendemos por **dar opinião** quando o supervisor dá a sua opinião e apresenta as suas idéias sobre o assunto que está a ser discutido, como por exemplo: – *na minha opinião, – eu acho que, – eu penso que, – podia, – podia-se.* Da leitura do Quadro 2, pode-se dizer que os enfermeiros utilizaram estratégias para dar a sua opinião sobre o que acham importante para os estudantes, para debate em reuniões de grupo e para avaliarem os estudantes. De referir que por vezes os estudantes não aceitam a opinião dos supervisores.

O enfermeiro utiliza estratégias de supervisão com a finalidade de **ajudar a encontrar soluções para os problemas** quando depois de o assunto ter sido discutido, o supervisor toma a iniciativa e pede sugestões para possíveis soluções, como por exemplo: – *o que é que se pode fazer?, – como é que vai resolver este problema?, – que estratégias lhe parecem mais adequadas?.* Continuando a análise do Quadro 2 e relativamente a esta categoria, verificamos que este revela que os enfermeiros utilizam estratégias de supervisão para ajudar os estudantes a encontrar soluções para os problemas, implicando-os no seu processo de aprendizagem. Assim, reflectiram com os estudantes, falaram de várias situações, escutaram, retiraram dúvidas

e explicaram como devem actuar, de modo a ajudá-los no seu crescimento pessoal e profissional.

Definimos **negociar** como a finalidade quando o supervisor desloca o foco da discussão do estudo das soluções possíveis para as soluções prováveis e ajuda a ponderar os prós e os contra das soluções apresentadas, como por exemplo: – *o que acontecerá se tomar esta atitude?, – quais as vantagens desta estratégia; e as desvantagens?, – que solução será melhor: a X ou a Y?.* Finalizando a análise do Quadro 2, verificamos que os enfermeiros utilizam estratégias de supervisão para negociar com os estudantes os objectivos do ensino clínico, a realização de procedimentos e a sua disponibilidade para determinadas situações. A meta final da negociação é chegarem a um consenso entre a proposta do supervisor e a do estudante.

Após a análise do estilo de supervisão colaborativo passamos para o directivo. O estilo directivo refere-se à preocupação em dar orientações e estabelecer critérios, condicionando assim, as atitudes do estudante. Podemos observar no Quadro 3 as finalidades das estratégias relativas a este estilo de supervisão (orientar, estabelecer critérios e condicionar).

Quadro 3 - Finalidade das estratégias de supervisão do estilo directivo. Aveiro, Portugal, 2005.

Categorias	Unidades de registo	N.º de ordem
Orientar	<i>[...] apontar o caminho por onde o formando possa evoluir</i>	E ₁
	<i>[...] o orientador deve estar sempre presente, observando para orientar melhor</i>	E ₄
	<i>A minha reacção foi de acalmar o aluno pedindo que ele colaborasse em situações simples mas importantes [...]</i>	E ₄
	<i>Este episódio ocorreu numa orientação de uma algaliação [...]</i>	E ₆
	<i>[...] o enfermeiro que acompanha a realização da actividade, orientando [...]</i>	E ₈
	<i>[...] a enfermeira que orientou o aluno, na realização do procedimento</i>	E ₁₇

Estabelecer critérios	[...] conseguir transmitir-lhe os conhecimentos que possuía e dei-lhe uma semana para melhorar a sua prestação	E ₃
Condicionar	[...] ser mostrado o comportamento considerado correcto pelo grupo de orientadores	E ₄
	Contrariada, a aluna foi obrigada a ir comigo e foi-lhe pedido que fizesse a avaliação do doente	E ₅
	Obviamente [...] a melhor solução seria obrigar a aluna a ir ao internamento e não fazer a vontade dela	E ₅
	[...] deixei de acreditar naquela aluna e passei a um controlo total da actuação não dando espaço a trabalho individualizado	E ₉
	[...] aprendi a ser mais desconfiada e mais controladora, condicionando as actuações dos alunos	E ₉
	[...] e deu indicação para chamar imediatamente o médico responsável pelo exame	E ₁₄

Quando o enfermeiro utiliza estratégias com a finalidade de **orientar** ele diz ao estudante o que este deve fazer, como por exemplo: – *vai fazer isto e aquilo, – quero que, – é assim que se faz*. A análise do Quadro 3, evidencia que os enfermeiros utilizam estratégias de supervisão para apontar o caminho que o estudante deve seguir, estando presentes, observando e acalmando o estudante. Normalmente utilizam as estratégias com a finalidade de orientar aquando da realização de procedimentos pelos estudantes de enfermagem.

Passando à análise da categoria seguinte, verificamos que o enfermeiro utiliza estratégias de supervisão com a finalidade de **estabelecer critérios** quando concretiza os planos de acção, põe limites temporais para a sua execução, como por exemplo: – *na próxima semana quero ver...*, – *na próxima intervenção tem de reduzir o seu tempo de execução para*. Através da leitura do Quadro 3, podemos constatar que apenas um enfermeiro narrou que utilizava estratégias de supervisão com a finalidade de estabelecer critérios, ou seja estabeleceu um prazo para o estudante melhorar a sua prestação.

Definimos **condicionar** como a finalidade das estratégias utilizadas pelo supervisor quando explicita as consequências do cumprimento ou não cumprimento das orientações e limita as actuações, como por exemplo: – *se não tomar esta atitude imediatamente, depois será tarde*, – *olhe que não há tempo a perder*, – *faça assim*. Finalizando a análise do Quadro 3, verificamos que esta revela que os enfermeiros utilizam estratégias de supervisão com a finalidade de condicionar o comportamento dos estudantes e a sua actuação. Associam a esta finalidade o controle, desconfiança e uma atitude muito directiva.

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

O enfermeiro cooperante na supervisão em ensino clínico parece ser valorizado essencialmente como enfermeiro, com um papel igualmente importante de integração na equipa de saúde e no serviço,

no desenvolvimento de competências de enfermagem, nomeadamente na área do saber-fazer e do saber-ser e na socialização profissional dos estudantes.⁶ Perante tal constatação, parece reforçada, mais do que a importância, a necessidade de participação activa dos enfermeiros dos serviços na supervisão dos estudantes de enfermagem, pelo que a colaboração já não é questionável; são questionáveis sim, as formas de colaboração que devem ser criteriosamente postas em prática, uma vez que implicam contribuições distintas mas complementares e com zonas de contacto das escolas e dos serviços, onde a comunicação, a relação de confiança e o respeito mútuo são essenciais.⁶

Durante o presente estudo verificámos que o papel do supervisor é o de “sustentar” o estudante, apoiando o seu ideal ético, o seu investimento intelectual e afectivo e o seu desejo de diálogo acerca dos cuidados que aprende a prestar e ainda, estar presente para estabelecer este diálogo. Assim, é necessário que desenvolvam capacidades que permitam aos estudantes construir as suas próprias estratégias para virem a ser profissionais competentes e eficazes.¹³

É necessário questionarmo-nos sobre que estratégias escolher para favorecer a aprendizagem desejada e que tipo de transacções docente – estudante melhor permitirão esta aprendizagem. Assim como a teoria holística está ligada à singularidade e totalidade da pessoa, talvez este conceito possa ser aplicado, por semelhança, com a singularidade e totalidade de cada estudante em diferentes situações de aprendizagem.¹⁴ As demonstrações, simulações de situações reais em sala de aula, estudos de caso, reuniões de estágio, formulação de questões reflexivas e debates e discussões são apontadas como estratégias de orientação para o desenvolvimento da prática e dos saberes na acção.⁶ Algumas destas estratégias de supervisão foram referidas pelos enfermeiros do nosso estudo, principalmente para ajudarem os estudantes a encontrarem as soluções para os seus problemas, estimulando a sua autonomia.

A formulação de questões reflexivas, a análise de casos, a demonstração e autosupervisão foram identificadas como estratégias de supervisão num estudo realizado sobre a perspectiva dos enfermeiros cooperantes sobre a supervisão em ensino clínico de enfermagem.⁹ Neste estudo ainda se concluiu que perante uma situação problema, os enfermeiros cooperantes consideram importante a clarificação, interpretação, confronto e avaliação da situação para posterior reconstrução e aplicação de estratégias com o objectivo de encontrar soluções. Nas suas narrações os enfermeiros acham que deve existir uma descrição da situação permitindo uma percepção reflectida dos acontecimentos mais marcantes, seguida de uma análise para ajudar na reorganização da experiência, pretendendo definir o objecto de atenção/reflexão.⁹ Os resultados do nosso estudo vão de encontro a estas conclusões dado que os enfermeiros cooperantes valorizam maioritariamente a utilização de estratégias de um estilo não directivo.

CONCLUSÕES

O estudo empírico realizado, sobre a finalidade das estratégias de supervisão utilizadas pelos enfermeiros em ensino clínico, permite realçar a importância da adaptação de cada estratégia à finalidade que se pretende.

Os enfermeiros, enquanto supervisores em ensino clínico, utilizam as estratégias de supervisão com a finalidade de prestar atenção, clarificar, encorajar, servir de espelho, dar opinião, ajudar a encontrar soluções para os problemas, negociar, orientar, estabelecer critérios e condicionar.

A finalidade que foi mais referenciada durante a narração dos episódios significativos foi a de clarificar. Deste resultado podemos concluir que os enfermeiros, enquanto supervisores de estudantes de enfermagem, têm a preocupação de esclarecer e analisar bem as situações em que têm dúvidas para não causar falsas interpretações e estarem seguros das medidas a tomar.

Os supervisores deste estudo aproximam-se de um perfil não-directivo pois privilegiam a escuta, a iniciativa do estudante, a clarificação de ideias e sentimentos, o encorajamento, entre outros.

Através deste estudo verificámos que a supervisão desempenha hoje, uma função muito importante na área da construção do conhecimento profissional no estudante de enfermagem. Esta função tem vindo a consolidar-se e a diferenciar-se, graças aos supervisores que estão com os estudantes no terreno e ao esforço que têm feito em aprofundar conhecimentos na área

e desenvolverem competências supervisivas, por vezes em ambientes instáveis e nada favoráveis. Mas ainda existe um longo percurso a construir, e só através do entrosamento dos contributos supervisivos de todos os intervenientes em ensino clínico, poderemos ter cada vez mais sucesso na formação dos futuros profissionais de enfermagem.

A finalizar, refere-se que um estudo desta natureza tem, como é óbvio, as suas limitações. As conclusões a que se chegou têm de ser lidas no contexto de um estudo interpretativo, realizado com um número limitado de participantes. No entanto, e apesar das reservas levantadas, os resultados obtidos lançam uma série de questões de grande potencial para o repensar da supervisão em ensinos clínicos de enfermagem e das estratégias utilizadas pelos supervisores.

REFERÊNCIAS

- 1 Universidade de Aveiro, Escola Superior de Saúde. Modelo de acompanhamento dos alunos da ESSUA em estágio clínico. Aveiro (PT): Escola Superior de Saúde; 2004.
- 2 Alarcão I, Tavares J. Supervisão da prática pedagógica: uma perspectiva de desenvolvimento e aprendizagem. 1a ed. Coimbra (PT): Almedina; 1987.
- 3 Vieira F. Supervisão: uma prática reflexiva de formação de professores. Rio Tinto (PT): Edições Asa; 1993.
- 4 Abreu W. Supervisão, qualidade e ensinos clínicos: que parcerias para a excelência em saúde? Coimbra (PT): Ed. Formasau; 2003.
- 5 Abreu W. Supervisão clínica em enfermagem: pensar as práticas, gerir a formação e promover a qualidade. Sinais Vitais. 2002 Nov; 6 (45): 53-7.
- 6 Carvalhal R. Parcerias na formação. Papel dos orientadores clínicos: perspectivas dos actores. Loures (PT): Lusociência; 2003.
- 7 Henderson V. La naturaleza de la enfermería. Reflexions 25 años después. Madrid (ES): McGraw-Hill; 1994.
- 8 Nóvoa A. As organizações escolares em análise. Lisboa (PT): Publicações D. Quixote; 1992.
- 9 Simões JFFL. Supervisão em ensino clínico de enfermagem: a perspectiva dos enfermeiros cooperantes [dissertação]. Aveiro (PT): Universidade de Aveiro/Departamento de Didáctica e Tecnologia Educativa; 2004.
- 10 Belo APPR. Supervisão em ensino clínico de enfermagem: perspectiva do aluno. [dissertação]. Aveiro (PT): Universidade de Aveiro/Departamento de Didáctica e Tecnologia Educativa; 2003.
- 11 Fonseca MJL. Supervisão em ensinos clínicos de enfermagem: perspectiva do docente. [dissertação]. Aveiro (PT): Universidade de Aveiro/Departamento de Didáctica e Tecnologia Educativa; 2004.

- 12 Rodrigues MÂ. Metodologias de análise de necessidades de formação na formação contínua de professores: contributos para o seu estudo [dissertação]. Lisboa (PT): Universidade de Lisboa/Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação; 1999.
- 13 Poletti R. Pourquoi faut-il reparler des valeurs professionnelles? Paris (FR): Centre Chrétien des Professions de Santé; 1983.
- 14 Santos E. Concepção de cuidados de enfermagem dos docentes de enfermagem. In: Queirós AA, Silva LC, Santos EM. Educação em enfermagem. Coimbra (PT): Quarteto Editora; 2000.
- 15 Moya JLM, Parra SC. La enseñanza de la enfermería como una práctica reflexiva. *Texto Contexto Enferm*. 2006 Abr-Jun; 15 (2): 303-11.